



FRONTEIRA: LIMITE GEOGRÁFICO QUE SEPARA. CULTURAS QUE SE UNEM

Gabriela Neves Frizzo¹

Universidade Federal de Pelotas.

Resumo: Em abordagem interdisciplinar, este artigo trabalha o que é fronteira de forma a usar o exemplo do caso da cidade de Jaguarão, Brasil e Rio Branco, Uruguai. Aporta com a análise da cultura do “outro”, tendo como resultado misturas de costumes, hábitos, idiomas, que, por fim, formam uma terceira parte. Os costumes dos fronteiriços são singulares como foi constatado através de entrevistas realizadas com os “nativos” desta fronteira. O trabalho decorre de uma pesquisa de campo sucinta, que busca mostrar a diferença do povo da fronteira em comparação aos demais.

Palavras-chave: fronteira, antropologia, cultura, idioma e mistura.

Introdução

A antropologia alcançou amplitude quanto ao desenvolvimento da ciência social a partir das observações realizadas por diversos pesquisadores ao longo dos séculos. Começamos então pela etimologia da palavra. “Antropologia” vem do grego *ανθρωπος* (anthropos), homem, e *λογος, λογια* (logos, logia), estudo, e, etimologicamente, significa estudo do homem (MARCONI; PRESOTTO, p.1-2). Embora a Antropologia compreenda três dimensões básicas (biológica, sociocultural e filosófica), neste estudo vamos nos deter muito mais no seu aspecto cultural, deixando os outros elementos para as disciplinas dos cursos especificamente voltados para essas áreas.

O presente trabalho foi feito para contemplar a disciplina de Antropologia II, do curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa foi feita na fronteira entre as cidades de Jaguarão, Brasil, e Rio Branco, Uruguai. Tendo como ponto de partida a observação da cultura singular que forma-se em uma fronteira.

O objetivo do trabalho é analisar, na fronteira Jaguarão-Rio Branco, suas peculiaridades, tais como a língua, costumes, formas de vestir e outros. Para que se

¹ Acadêmica do curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gabriela.frizzo@hotmail.com



possa entrar em uma pesquisa de campo é preciso deixar as análises e preconceitos prévios de lado. Conforme DA MATTA (1981, p.162), para que o familiar possa ser percebido antropologicamente, ele tem que ser de algum modo transformado em exótico. Com isso, percebemos quão rico é o choque cultural, a exposição da cultura do “eu” com o “outro”. E para que isso seja dado é, necessariamente, importante uma aproximação direta com o outro, bem como sentir as diferenças do “desconhecido” para que esta forma torne-se objeto fundamental para uma futura subjetividade.

O método utilizado foi qualitativo, mais especificamente o método etnográfico, através da observação participante, da entrevista aberta e do contato direto e pessoal com o universo investigado (VELHO, 2008, p.123). É importante mencionarmos que a autora é moradora da fronteira e foi necessário um esforço de estranhamento daquilo que, a ela, era familiar.

Com a ida a campo, o lugar foi tornando-se exótico e deixando de ser conhecido, deixou de ser meramente uma passagem, mas passou a ser objeto do foco, onde queríamos nos deter para ganharmos resultados condizentes com o que estávamos dispostos. Para isso, aquilo que antes era tido como “despercebido”, após a observação, pode-se então, ter uma noção maior e mais aprofundada do lugar. E, muito se deve ao fato de deixar preconceitos, visões pré-estabelecidas, juízo de valor e suposições de lado, para então chegar na fronteira e deter uma maior visão do que é a fronteira em si, quais suas singularidades, suas formas, maneiras, e outros.

O trabalho de campo, como ritos de passagem, implica, pois na possibilidade de redescobrir novas formas de relacionamento social, por meio de uma socialização controlada. Neste sentido, o processo é uma busca do controle dos preconceitos, o que é facilitado pela viagem para o outro universo social e pela distância das relações sociais mais reconfortantes (DA MATTA, 1981, p.152).

Foram realizadas entrevistas ao longo da pesquisa etnográfica e o que se notou de antemão é que existem divergências na fronteira, mas aspectos que os unem: a língua seria uma delas. Na fronteira há uma mistura dos idiomas, dando origem a uma terceira forma de comunicação, o portunhol.

Los hablantes de portuñol de la frontera brasileño-uruguaya no consideran que su modalidad mixta sea un símbolo de incompetencia lingüística, sino



una variedad que les permite definirse como “gente de frontera”. (DO AMARAL, 2009, p.283).

Essa relação dá-se através do portunhol, que já vem de uma interação entre esses dois povos, atravessa os séculos e também tratados. Tal integração deriva da necessidade de sobrevivência entre portugueses e espanhóis e seus descendentes, e parece perdurar mais devido ao convívio natural do que pela consciência de ser essa uma condição propícia para revigorar a região. (MARTINS, 2005, p.2).

Porém, não se pode generalizar dizendo que em todas as fronteiras Brasil-Uruguaí existe este exato portunhol como o que se observa em Jaguarão e Rio Branco, pois tem que ser levado em consideração a localização dessas cidades, seus fatos históricos, a harmonia de como vivem e se inter-relacionam para, depois, formar qualquer tipo de suposição ou comparação.

Conforme íamos a campo, deparávamos com a surpresa do exótico em contraposição ao subjetivo e a identidade como um todo. A heterogeneidade é evidente neste cenário, mas semelhanças também são compartilhadas. As informações fornecidas pelos nativos da fronteira foram importantes para o desenvolvimento do trabalho. Algumas situações só foram percebidas através das declarações feitas pelos mesmos.

Esta fronteira em questão, como já foi dito, divide o Brasil do Uruguaí, nas cidades de Jaguarão e Rio Branco. Não é apenas uma fronteira geográfica o foco deste trabalho, mas uma cultura de fronteira. Entendemos cultura como um código de símbolos compartilhados pelos membros desta mesma cultura. (GEERTZ, 2012, p.4).

O manual de ideias para o diálogo com o nativo foi elaborado com o intuito de encontrar maior êxito na hora de entrevistar. As perguntas-base nortearão o pré-entendimento daquilo que buscamos: fronteira separa ou une? Para tal, acreditamos ser necessário o seguinte roteiro de perguntas:

- I) O que você entende por fronteira? É somente uma delimitação geográfica ou cultural também?
- II) Acredita que a comunidade fronteiriça do lado brasileiro, por exemplo, carrega alguma coisa que lembre os uruguaíes?
- III) Quando você “atravessa a ponte” (ou seja, cruza a fronteira), o que passa em sua mente? Há um choque cultural? Tente subtrair o fato

de viver na fronteira; imagine como sendo um visitante analisando as duas partes (Jaguarão/Rio Branco).

- IV) Quando você está em contato com um jaguarense, você nota a mistura na língua, por exemplo?
- V) Você reconhece um brasileiro, quando você está em Jaguarão, mesmo antes de conversar?
- VI) Você acredita que mesmo havendo muitas diferenças, também existem semelhanças?
- VII) Como você definiria fronteira?

Como a fronteira tem suas peculiaridades, pois é um canal que aproxima dois povos, buscamos observar, ouvir e tentar entender um pouco do que é viver em meio a duas culturas diferentes que estão juntas convivendo em forma de “troca simultânea”.

Idioma: duas línguas, um resultado

A fronteira divide dois países, duas culturas, dois povos, duas línguas. Esta fronteira em questão é a divisa entre as línguas portuguesa e espanhola. O contato entre os dois povos que falam essas línguas resulta em um terceiro idioma, por assim dizer, o portunhol. Na hora em que é dado um encontro entre um brasileiro e um uruguaio, ambos fronteiriços, caso haja uma terceira pessoa que não seja da região, esta pouco entenderá o diálogo feito pelas primeiras duas pessoas, pois a comunicação entre estas dá-se de forma mesclada utilizando vocabulários do português e do espanhol. Não há quem viva na fronteira e não saiba falar o outro idioma, ou pelo menos, o portunhol. Pois tanto os brasileiros quando estão “do outro lado da ponte” tentam falar espanhol, o mesmo acontece como os uruguaio quando estão no Brasil, esforçam-se para falar português.

Percebe-se que as relações corriqueiras de contatos linguísticos fazem parte da história desta fronteira e que hospeda, alternadamente, discursos de aproximação e de afastamento, dependendo do momento e dos interesses pessoais. Desta forma, pode-se pensar que os contatos linguísticos nessa zona fronteiriça foram se construindo no



embate dos sujeitos, e as aproximações foram potencializadas e vivificadas com os saberes do próprio cotidiano, aliados às suas próprias necessidades.

Podemos observar, ao longo das saídas de campo, que o portunhol se classificaria como uma língua, mesmo esta não sendo oficialmente reconhecida. Pois acreditamos que em todas as situações em que se deparam brasileiros e uruguaios fronteiriços, esta língua acaba por ser o canal de comunicação entre estes dois povos. Ou seja, o uso do portunhol dá-se de forma natural entre os dois povos, acaba sendo uma escolha inconsciente que tanto o uruguaio fronteiriço adota quanto o brasileiro dessa mesma fronteira.

Quando analisamos a forma como os brasileiros fronteiriços falavam, notamos na linguagem, mesmo com outros brasileiros, que havia palavras em espanhol na sua conversa. A carga que a fronteira deixa na forma de falar e o sotaque é algo evidente para aquelas pessoas que estão tendo um contato pela primeira vez. A quantidade de palavras oriundas do espanhol que são usadas pelos brasileiros fronteiriços nas suas comunicações não são poucas; a mistura é feita a toda hora. Por exemplo, usa-se no idioma português a palavra “tchê”, que por sua vez, é muito usada pelos uruguaios e com o mesmo sentido. Outra palavra que parece que foi “roubada” do idioma espanhol foi “mate”, o que para os brasileiros seria “chimarrão”. E de toda essa mescla de palavras nos idiomas, não dá para saber sem ter pesquisado a origem dessas palavras, se estas pertencem ao idioma português ou espanhol.

Segundo um dos entrevistados, José Carlos Arismendi, professor do Liceo, 40 anos: “não tem como sabermos de onde vem a expressão “tchê”, se ela é originária de vocês (brasileiros) ou de nós (uruguaios). Em todo o sul escutamos ela. E em todo o Uruguai também. Essa é a resposta da fronteira: a mistura da língua”.

A fala descrita acima revela claramente o que um dos entrevistados acredita ser a fronteira. Ele vê esta como uma mistura da língua. Mas será só isso? Quem vive entre a divisa de duas culturas está resumido apenas a mudança na língua, ou em seus costumes também?

A mistura do povo fronteiriço

A fronteira é um lugar onde povos se cruzam, culturas misturam-se e, com o passar do tempo, esta frequência vai tomando forma e transformando-se em uma cultura singular e única: a cultura fronteiriça. Aldyr Garcia Schlee expõe que a fronteira é múltipla, pois é o espaço do reverso, do igual que é oposto, como explicam as palavras:

Vivia perplexo diante do Uruguai, não propriamente diante do mundo; mas, antes, diante daquele outro mundo: tão perto e tão longe, logo ali do outro lado da risca vermelha no cimento da ponte, *muy cerca, cerquita*, cercado (a risca vermelha no meio da ponte!)... Aquele outro mundo, separado e unido pelo rio: tão diferente e tão igual; tão distinto e *tan distinto*; tão distinguido e *tan distinguido*; tão esquisito e *tan esquisito*. (SCHLEE, 1998, p.53).

Para analisar a cultura fronteiriça, observa-se como um todo, a junção entre Brasil e Uruguai. O que não se pode deixar de observar é cada cultura em particular. Caso o interesse seja, por exemplo, começar por uma análise “brasileira” fronteiriça, então, o primeiro passo seria considerar sua língua, em segundo, sua forma de vestirem-se, seus hábitos, culinária, música e outros.

Apesar de distintos, caracterizam-se por formarem um só, o único e indissociável em meio a tantas divergências que a tornam fronteira. Mesmo com tantas características diversas, o que a torna única é a capacidade de misturar identidades, culturas, costumes: é o fator agregar, o somatório das partes que formará o todo.

Para quem chega pela primeira vez na fronteira, é comum a impressão de “união de povos”. Conforme decorre, vai analisando, ouvindo, detalhando e pode chegar à conclusão de que, na verdade, existe uma mistura, mas esta também pode ser analisada de forma separada. Cada parte compreende uma forma de vida, maneiras e costumes diversos. Porém, quando os dois povos se unem para uma análise, notam-se semelhanças, traços marcantes da personalidade cultural de cada povo em questão.

Os uruguaios possuem costumes muito diversos aos brasileiros, talvez seja porque trazem traços da cultura europeia, devido à colonização dos espanhóis, estes acabam por assemelham-se mais com os europeus do que com os brasileiros, que de certo modo, estão muito mais próximos. Por exemplo, é notável logo na primeira olhada a simplicidade com a qual se vestem. A forma como cortam o cabelo, seu corte é repicado e alternativo. A cultura de ficar até tarde na rua, ganhar uma motocicleta aos treze anos de idade, todos esses costumes citados, acabam entrando em diferença



quando se coloca em comparação aos costumes dos brasileiros fronteiriços. Alguns modos notórios dos brasileiros são o cabelo com corte formal (seria este o mais usado pelos brasileiros fronteiriços), a forma como se vestem uniformemente e seguindo padrões de moda, o gosto musical que é diversificado e a culinária que nada tem a ver com a uruguaia.

Mas onde se encontram as semelhanças? Elas estão exatamente onde a mistura foi feita, ou seja, dois povos vivendo praticamente no mesmo território, somente divididos por uma ponte, o resultado seria naturalmente uma mescla de culturas que chocam-se, porém, ao mesmo tempo, unem-se. Esta diferença talvez seja mais notada por uma pessoa que não seja nativa da fronteira, pois o exótico é analisado de forma diferente se comparado àquilo que se está acostumado a ver e conviver.

Charlando con los hermanos: dúvidas e respostas sobre o que é a fronteira

Durante o desenvolvimento deste trabalho, podemos observar que a fronteira é uma mescla cultural indiscutível. O que ainda não foi mostrado foi a opinião de fronteiriços, tanto brasileiros, quanto uruguaio, sobre o que eles acreditam que exista em uma fronteira, e neste caso, nas cidades de Jaguarão e Rio Branco.

Para embasar as afirmações, foram realizadas entrevistas com brasileiros e uruguaio. O primeiro contato feito entre uma das pesquisadoras em campo foi um diálogo informal realizado em uma loja na zona comercial de Rio Branco. Lá, ela pôde contemplar em primeira vista as diferenças a olho nu. Depois com o decorrer da comunicação entre ela e o funcionário foram sendo observadas, também, o modo como ele “arranha” o português ao tentar falar com a pesquisadora brasileira nessa língua. Em uma segunda ida a campo, podemos perceber que a comunicação em família dava-se, por vezes, através de palavras que os brasileiros usam no idioma português. Confirmando a afirmativa, em uma conversa com o professor entrevistado José Carlos Arismendi, sobre o que ele tinha como experiência por viver na fronteira, logo respondeu: “acho muito bom. Aqui nós temos contato diariamente com os brasileiros. Se aqui está chato, damos um pulinho ali”.

Na outra entrevista, recebemos mais uma opinião de um uruguaio a respeito do que ele acredita ser a fronteira, expressando que esta seria a união de dois povos,



pois mesmo havendo divergências, estas são mínimas se comparado ao resultado que esta união acarreta. Ou seja, a cultura fronteiriça seria muito maior do que avaliar cada uma separadamente; ela tem âmbito próprio. Conforme Gustavo Ribeiro,

“(...) a diversidade cultural continuará existindo, dada a existência de forças necessariamente contraditórias. Nesse contexto, uma tarefa central da antropologia é descobrir as formas de reprodução do homogêneo e do heterogêneo sob condições de forte compressão do espaço-tempo (...). Assim, podemos crer que a antropologia terá um papel cada vez mais central na interpretação do mundo contemporâneo” (RIBEIRO, 1993, p.16).

Assim, como espaço de confluência e de hibridação, onde se desvelam questões de alteridade, a fronteira gera movimentos que dispersam centralismos, homogeneidades e únicas verdades, revelando imagens especulares que são as mesmas, mas de maneira diferente. Entendida por sua referência simbólica e por seu caráter cultural, a fronteira transcende ao imaginário, pondo em evidência outras percepções geográficas. Impõe, então, revisões políticas, históricas, linguísticas, literárias e identitárias para mostrar outras dimensões de seu significado, indicando representações concomitantes do ser e não ser.

Considerações finais

Através da observação empírica e das entrevistas realizadas na fronteira Jaguarão-Rio Branco, podemos concluir que a fronteira divide duas culturas distintas, porém, é no convívio diário que elas misturam-se e resultam em hábitos semelhantes a uma cultura única, ou seja, a análise de um indivíduo fronteiriço poderá certificar-se dos sinais que a cultura do “outro lado” mostra. A fronteira não só une dois povos distintos, mas também os faz interagir. Misturas culturais acontecem, sem que se perca de vez a cultura tradicional, criando uma cultura de fronteira.

Em campo, procuramos focar em detalhes que, às vezes, passam despercebidos aos olhos de muitos visitantes. Com as respostas obtidas através das entrevistas, podemos chegar a uma conclusão no que diz respeito a mistura da fronteira, se ela une ou separa: quando se está tão próximo de um lugar, mas ao mesmo tempo tão longe, é onde pode-se constatar que as culturas não permanecem intactas; elas evoluem, agregam valores, experiências, convivências, que acabam por se tornarem, para aqueles que acreditam, em uma outra cultura, aquela que pode-se chamar de cultura fronteiriça.



Referências

DA MATTA, Roberto. *O Trabalho de Campo como Rito de Passagem*. IN: *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes; 1981.

DO AMARAL, Tatiana Ribeiro. *El portuñol en la frontera brasileño-uruguaya: prácticas lingüísticas y construcción de la identidad*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas. 2006, 6ª edição.

MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras Culturais e Cultura Fronteiriça em Livramento (Br) e Rivera (Uy): Considerações Provisórias*; 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Fronteiras da Cultura*. IN: *Encolhimento do mundo*. Porto Alegre, Editora da Universidade; 1993.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de sempre*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.